

O CONCEITO DE FORMAÇÃO HUMANA NO PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI *

Carlos Eduardo Vieira *

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a reflexão gramsciana sobre a formação do homem em sociedade como parte indissociável de sua teoria política. O processo de interpretação visou a situar as idéias gramscianas no âmbito dos seus contextos específicos de produção. As conclusões sinalizam para a possibilidade de uma teoria da formação humana que evite a redução do processo

formativo ao desenvolvimento intelectual do homem concebido isoladamente, da mesma forma que evite a pendular inversão, que supõe a formação da personalidade de forma demasiadamente determinista, do homem como produto passivo do meio social. Trata-se de uma teoria correlacional da formação humana, baseada no binômio indivíduo-ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Gramsci, cultura, formação humana

* Este texto foi apresentado originalmente no Seminário Internacional: Ler Gramsci, Entender a Realidade, promovido pela International Gramsci Society — IGS, no Rio de Janeiro, 2001.

* Doutor em História da Educação, Professor da Área Temática de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Endereço eletrônico: cevieira@ufpr.br

THE CONCEPT OF HUMAN FORMATION

IN ANTONIO GRAMSCI'S THOUGHT

ABSTRACT

This article intend to discuss Gramsci's reflection on formation of man in society as an inseparable part of his policy theory. The present interpretation intends to situate Gramsci's ideas in the ambit of their specific production contexts. The conclusions point to the possibility of a human formation theory that avoids the reduction of formative process concerned only as intellectual development of man in isolate conception: in the same way the conclusions intend to avoid the pendulous inversion, that suppose to be the formation of personality in a very determinist way, with man concerned as a passive product of social environment. This a correlative theory of human formation based on the binomial individual-environment.

KEY WORDS: Gramsci, Culture, Human Formation

INTRODUÇÃO

Analisar o pensamento gramsciano a partir do conceito de formação humana não significa criar um Gramsci teórico da educação ou um pedagogo *stricto sensu*. Creio que a análise do projeto intelectual gramsciano nos leva, inevitavelmente, à teoria política, em termos propriamente gramscianos, à arte e à ciência política. Assim, pretendo evidenciar como se inserem, na concepção gramsciana da política, as questões da cultura, ou melhor, da luta cultural e da formação humana. Viso a sinalizar para a possibilidade de encontrarmos, na obra gramsciana, hipóteses fecundas que permitam a análise sobre o processo de formação da personalidade do indivíduo em sociedade. Contudo, devo advertir que a complexidade do tema, combinada à exigüidade do espaço, possibilita apenas uma primeira aproximação teórica com o conceito de formação em Gramsci.

É preciso dizer que, no que tange especificamente à questão da formação humana em Gramsci, produzo as minhas idéias em estreita interlocução com Dario

Ragazzini, particularmente com as idéias expostas nas obras *Società industriale e formazione umana nel pensiero di Gramsci e Leonardo nella società di massa: teoria della personalità in Gramsci*. Segundo Ragazzini, “Gramsci pode ser lido no seu esforço de desenvolver a reflexão marxista, não somente no âmbito de uma teoria do Estado, da hegemonia e dos seus aparatos, mas também no plano de uma teoria da personalidade individual” (2002, p. 9). Ragazzini insiste na relação entre o individual e o social, no quadro conceitual gramsciano, de tal maneira que a análise sobre os processos de formação do indivíduo esteja em sintonia com as dinâmicas sociais no âmbito do Estado e da sociedade civil.¹

Reconhecendo o pioneirismo e a potencialidade das idéias desse autor, procuro contribuir para o empreendimento teórico de pensar uma teoria da formação da personalidade a partir da obra de Gramsci. No âmbito desse diálogo, procuro contribuir a partir da elaboração de uma chave de leitura da obra gramsciana centrada nos conceitos de historicismo, cultura e formação humana.

Nos marcos deste artigo, enfatizarei o terceiro conceito dessa tríade, ainda que a hipótese de leitura que desenvolvo mantenha permanentemente a articulação desses conceitos. A conexão entre as

referidas categorias analíticas e metodológicas se evidencia à medida que, para Gramsci, discutir projetos formativos significa discutir cultura, significa analisar os projetos sociais que visam a definir formas de civilidade, de sociabilidade, maneiras de pensar, agir e sentir a realidade. A cultura, em termos gramscianos, é lugar de síntese de conflitos protagonizados por diferentes atores e projetos presentes no cenário social, mas também o lugar sobre o qual incidem as tradições, os costumes, as identidades que se produzem na história e permanecem exercendo forte impacto sobre a luta pela hegemonia política. Cultura e formação humana assumem dimensões conceituais no texto gramsciano, enquanto que o historicismo é entendido em termos propriamente metodológicos, uma vez que a análise histórica assume centralidade na perspectiva gramsciana de compreensão da cultura e dos processos de formação do indivíduo em sociedade.

O método historicista de Gramsci é o resultado de sua ampla interlocução com o movimento cultural que perpassou a atmosfera intelectual dos inúmeros ambientes acadêmicos e políticos

¹ Dario Ragazzini é professor de História da Educação, na Università degli Studi di Firenze, Departamento de Ciência da Educação.

européus do último quartel do século XIX à primeira metade do século XX. A riqueza desse movimento explica a diversidade de usos do termo historicismo na história das idéias nos últimos dois séculos. De forma muito geral, pode-se dizer que é comum aos pensadores vinculados ao historicismo o reconhecimento da centralidade da história para a interpretação dos vários produtos e movimentos culturais, tais como a filosofia, a ciência, a literatura, a política e a educação.

Os dois países nos quais as discussões em torno do historicismo se mostraram mais intensas foram a Alemanha e a Itália, mas é muito difícil fazer uma comparação entre as perspectivas teóricas produzidas nesses países, uma vez que, ainda que o diálogo tenha ocorrido com frequência, as resultantes metodológicas e analíticas se mostraram muito diversas. Nesse quadro teórico amplo do historicismo, estão a Filosofia da História de Hegel, o trabalho historiográfico de Ranke e Meinecker, o esforço teórico-epistemológico de Dilthey, Rickert e Windelband, os estudos históricos e sociológicos de Troeltsch e Weber, a história filosófica de Croce e a teoria política de Gramsci.²

No âmbito da vida intelectual italiana, os debates sobre o historicismo, no primeiro quartel do século XX, ocuparam

um lugar de destaque. Não obstante isso, somente Croce e Gramsci se definiram como pensadores historicistas, teóricos do *historicismo absoluto*. Gramsci afirmou essa concepção ao definir o marxismo como um “historicismo absoluto, a mundanalidade e terrenalidade absoluta do pensamento, um humanismo absoluto da história” (1977, p. 1437). Para Gramsci, o marxismo é um historicismo absoluto na medida em que parte da premissa de que não existe nada para além da história, nada que determine o seu sentido que não esteja contido na própria realidade. O marxismo é historicismo ou humanismo absoluto, pois, se não existe nada para além da história, na história não existe nada para além das práticas humanas e das suas consequências culturais (Vieira, 1999, p. 147).

Convencido das possibilidades heurísticas do pensamento gramsciano no âmbito da Teoria Política, da História Intelectual e da Educação, dentre outras áreas e disciplinas afins, gostaria de chamar a atenção para essa questão que me parece potencialmente relevante na

² Sobre essa questão da delimitação do historicismo no âmbito da história das idéias, ver, dentre outros, Carlo Antoni, *Lo storicismo*. Torino: Eri, 1957; Georg G. Iggers, *Historicism: the history and meaning of the term*, *Journal of the History of Ideas*, p.129-52, 1995; Pietro Rossi, *Lo storicismo tedesco contemporaneo*. Torino: Einaudi, 1979. Fulvio Tassinari, *Introduzione a lo storicismo*, Roma: Laterza, 1991.

obra de Gramsci, ou seja, a possibilidade de pensarmos, com Gramsci e para além de Gramsci, uma teoria da formação humana que evite a redução da compreensão do processo formativo ao desenvolvimento intelectual do indivíduo, concebido isoladamente, da mesma forma que evite a pendular inversão, que entende a formação da personalidade de forma determinista, do indivíduo como produto passivo do meio social. A partir do seu radical historicismo, Gramsci visa a superar as concepções abstratas sobre o indivíduo, seja no plano da formação da personalidade, seja no âmbito da produção da sociabilidade.

LUTA CULTURAL E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Gramsci, ao longo de sua obra, discute o conceito de homem e, por extensão, de indivíduo, particularmente em contraste com o conceito de individualidade produzido pelo catolicismo, que se estendeu para muitas filosofias laicas. Nesses termos, Gramsci reapresentou a clássica questão da filosofia: o que é o homem?

Em oposição às idéias de essência e de natureza humana, Gramsci define o homem como um processo, processo dos seus atos, parafraseando Marx, como síntese de múltiplas relações e, na

seqüência do raciocínio, acrescenta que o homem não é somente a síntese das suas relações, mas, também, a história dessas relações. Trata-se de uma concepção do homem como “uma formação histórica, obtida com a coerção (entendida não só no sentido brutal e de violência externa); de outro modo, cairíamos numa forma de transcendência ou de imanência” (Gramsci, 1996, p. 301). Nesses termos, o homem “deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente individuais e subjetivos e de elementos de massa, objetivos ou materiais com os quais o indivíduo está em relação ativa” (Gramsci, 1977, p. 1338).

Gramsci investe no binômio indivíduo-ambiente, mas no interior de uma perspectiva correlacional que tem na práxis o ponto de mediação entre o indivíduo e a natureza, e o indivíduo e a sociedade: da *societas hominum* à *societas rerum*. Contudo, mesmo sem avançar muito essa discussão, sinaliza para a necessidade de repensarmos a questão da formação do indivíduo em sociedade, ou melhor, da sua formação nas diferentes ambiências culturais, tais como a família, a vizinhança, o trabalho, a escola, enfim, os diversos espaços de sociabilidade nos quais são produzidos os horizontes culturais de formação da personalidade do indivíduo. Literalmente, Gramsci

(1977, p. 1346) considera “necessário elaborar uma doutrina na qual todas estas relações sejam ativas e dinâmicas, fixando bem claramente que a sede desta atividade é a consciência do homem individual”.

Uma doutrina que estude a formação do indivíduo a partir de suas relações com a sociedade, na qual a consciência individual seja a sede, a instância última de elaboração de todos esses influxos formativos. Esse é o ponto arquimediano de sua teoria, ou melhor, de sua intuição teórica sobre o processo de formação humana, que tem no seu diálogo com Marx e, particularmente, com as leituras economicistas do marxismo, o pólo de máxima tensão.

Na passagem da *Crítica da economia política*, citada mais de vinte vezes no interior dos *Quaderni*, Marx (1982, p. 25) afirma que com

a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez. Na consideração de tais transformações é necessário distinguir sempre entre a transformação material das condições econômicas de produção, que pode ser objeto de rigorosa verificação da ciência natural, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou

filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência desse conflito e o conduzem até o fim.

Em uma das inúmeras citações dessa passagem, Gramsci (1977, p. 464-5) sustenta, em primeira redação, que “essa afirmação tem um valor gnosiológico e não psicológico e moral”. Gramsci, alguns anos mais tarde, reescreve a mesma nota dizendo que “essa afirmação deve ser considerada como uma afirmação de valor gnosiológico e não *puramente* psicológico e moral” (Gramsci, p. 1249, grifo nosso). A inclusão da palavra *puramente* produz um novo sentido para o enunciado, visto que não nega mais o valor moral e psicológico, ou seja, não exclui a possibilidade de se pensar a potencialidade gnosiológica dessa questão, no âmbito da formação da consciência do indivíduo.

Nos termos do homem coletivo, do homem-massa, a idéia marxiana tem valor gnosiológico, à medida que ela é uma premissa da ciência política, já que afirma a centralidade da luta ideológica nos processos de transformação social. Em contraste com o marxismo economicista, que concebia a ideologia como um reflexo das transformações da base econômica, Gramsci infere que — se os homens tomam consciência dos seus

conflitos materiais no terreno das ideologias e, sobretudo, se é nesse plano que levam esses conflitos até as suas últimas conseqüências — é de fundamental importância atuar decididamente nesse terreno, produzindo a teoria política e, ao mesmo tempo, a arte política.

A relação entre política e cultura, assim como o entendimento da cultura como luta cultural, não significam uma redução do conflito social ao plano subjetivo, ideológico, em detrimento dos aspectos econômicos e materiais, mas sim a afirmação da cultura como o lugar de síntese, de manifestação de todas as contradições, inclusive a econômica. A cultura é o lugar de síntese, já que é no plano das formas ideológicas que os homens formam as suas representações sobre a natureza das suas relações, sejam elas de classe, familiares ou étnicas. Em outras palavras, a cultura na sua obra é compreendida como um processo de formação que corresponde a um modo de vida e que tem a sua afirmação societária na luta entre diversos projetos que visam à direção do social. A compreensão da cultura como modo de viver e processo de formação em Gramsci não representa uma inovação do ponto de vista semiológico, pois, já entre os gregos e os latinos, as palavras *Paidéia* e *humanitas* assumiam essas significações

(Vieira, 1999, p. 61). A principal ruptura com a idéia clássica de cultura, presente na obra gramsciana, está na afirmação de que essas dimensões não se produzem no interior de um ideal de virtude, uma *arete* abstrata, mas sim no âmbito de uma dinâmica social produzida pela e na luta social.

A cultura é o terreno da luta entre homens que participam de determinadas relações objetivas de produção e de troca e que ganham a consciência da natureza dessas relações, não no âmbito imediato das relações econômicas, mas sim no plano das formas ideológicas. Logo, é nesse plano supra-estrutural que se forma a consciência política que possibilita o enfrentamento desses conflitos até as suas últimas conseqüências. De tal maneira que “a contradição econômica torna-se contradição política e se resolve politicamente em uma inversão da práxis” (Vieira, 1999, p. 1279). Gramsci, partindo do entendimento da teoria política como a arte e a ciência da práxis, nos provoca a pensarmos esses conflitos em termos ainda mais amplos, à medida que interroga a potencialidade gnosiológica dessa idéia e, por extensão, propõe a sua ampliação em termos heurísticos:

os homens tornam-se conscientes (do conflito entre as forças materiais de produção) sobre o terreno ideológico das

formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas, filosóficas. Mas essa consciência é limitada ao conflito entre as forças materiais de produção e as relações de produção — assim como está na letra do texto — ou se refere a todo tipo de conhecimento consciente? Este é o ponto que deve ser elaborado e que pode sê-lo somente no conjunto da doutrina filosófica do valor das superestruturas (*Ibid*, p. 1492).

Os homens formam a sua consciência — não somente a consciência do conflito entre as forças materiais de produção e as relações de produção — no terreno das idéias e das ideologias. Assim, a doutrina das superestruturas não tem um valor gnosiológico somente no que tange à consciência coletiva, da classe, mas, também, à do indivíduo. Esse é, exatamente, o ponto que deve ser re-elaborado e pôde sê-lo, somente, no interior da teoria gramsciana.

Gramsci parece querer dizer que falta ao marxismo uma teoria da formação do indivíduo, não em sentido comportamentalista ou cognitivista, nem no sentido sociológico vulgar, do homem como produto do meio social, mas sim como processo de correlações entre o indivíduo e a sociedade. A exasperação em relação às idéias de Freud, a referência

elogiosa ao tratado de psicologia de William James e, sobretudo, os tensos embates com Henri De Man, evidenciam uma preocupação em relação à produção teórica oriunda da psicologia. Mais precisamente das possibilidades de uma psicologia social articulada às demandas de intervenção sobre os processos de formação humana, na luta para a transformação da psicologia da classe operária.³

Uma teoria da sociedade pode ser congruente com uma teoria da formação da personalidade, já que, para Gramsci, o grande desafio político do marxismo estava em criar uma nova personalidade social. A recusa do conceito abstrato de um homem virtuoso que o humanismo e

³A expressão psicologia da classe operária foi utilizada amplamente por Gramsci nos seus artigos, publicados no jornal socialista *L'Ordine Nuovo*, durante as jornadas de ocupação das fábricas pelos operários em Turin, nos anos de 1919 e 1920. Sobre a sua produção nesse período ver, Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga, *Conselhos de fábrica*, São Paulo, Brasiliense, 1981. As referências a Henri De Man, nos *Quaderni*, foram extraídas da sua obra *Il superamento do marxismo*, Bari: Laterza, 1929. William James foi citado inúmeras vezes nos *Quaderni* e nas cartas, com particular referência ao juízo de que "o melhor manual de Psicologia é aquele de William James" (CC, 1929, p. 249). Trata-se da obra *Principi di psicologia*, Milano: Società Editrice Libreria, 1905. Quanto a Freud, Gramsci não revela ter nenhuma fonte direta, mas demonstra ao longo dos *Quaderni* e das cartas interesse pelas várias interpretações de suas idéias. A passagem mais célebre que faz referência a Freud é aquela em que ele afirma ser Freud o último dos ideólogos (GRAMSCI, 1977, p. 1491).

a escolástica haviam produzido assume nova amplitude na polêmica sobre o conceito de indivíduo que, de um lado, o projeto socialista havia relegado em favor de uma nova abstração coletivista e, por outro, a crítica incide, também, sobre a doutrina liberal que, explorando ideologicamente a idéia da liberdade individual, acabou por reduzir o indivíduo ao *homo oeconomicus*, mesquinho e hedonista. O projeto político socialista para Gramsci, em contraste com parte significativa das produções no campo do marxismo, não pode menosprezar o indivíduo, pois a possibilidade de uma reforma cultural e moral de toda a sociedade tem a sua sede na “consciência do homem individual que conhece, quer, admira, cria, na medida em que já conhece, quer, admira, cria, etc.; e do homem concebido não isoladamente, mas repleto de possibilidades oferecidas pelos outros homens e pela sociedade das coisas” (Ibid, p. 1346).

Gramsci, certamente, não reduz a questão da formação da personalidade à psicologia, uma vez que a cultura e a história ampliam bastante essa questão. A rigor, ele sustenta a necessidade de uma teoria que procure entender a formação dos indivíduos a partir de uma análise que — sem recusar as especificidades metodológicas e temáticas das ciências que tratam do indivíduo, bem como daquelas que têm como objeto a

sociedade — mostre-se capaz de traçar vias de ligação entre essas duas dimensões.

Entre a personalidade do indivíduo e os conflitos vividos pelo homem-massa, no âmbito das relações de produção, existe uma série de níveis intermediários, uma multiplicidade de sociedades e de conflitos que atuam na sua formação. Nos termos da compreensão gramsciana sobre os processos de formação humana, para além das relações de produção e troca, deve-se acrescentar as experiências no âmbito da família, da vizinhança, da igreja, da escola, enfim, deve-se considerar a multiplicidade de ambiências que formam a personalidade do indivíduo, não por justaposição, mas por meio de um processo complexo que envolve toda a experiência de vida.

Gramsci parte do homem singular, da personalidade que necessita ser transformada, embora ciente de que ninguém modifica a si mesmo, já que somente com a mudança do conjunto das relações estabelecidas na ambiência cultural é possível obter eficiência nos processos formativos. Esse é o nexo entre teoria política e formação humana, entre a *societas hominum* e a *societas rerum*, entre a formação do indivíduo e a transformação da sociedade.

A compreensão dos processos formativos demanda uma análise histórica

das várias ambiências, possibilitando, em cada situação, julgar o peso relativo de cada uma delas nos processos formativos que estão contidos na cultura e, também, avaliar em que medida esses influxos formativos permanecem atuando na ambiência cultural.

Poderíamos afirmar, ainda, que se trata de uma teoria que não é somente analítica, mas também prospectiva, uma vez que, à luz do itinerário gramsciano, não basta perguntarmos o que é o homem, pois se insere nessa questão uma outra: o que o homem pode se tornar. A elaboração de um projeto formativo impõe um *telos*, porém essa discussão não se baseia, em Gramsci, em um dever ser abstrato, em um ideal de homem virtuoso, mas nas tendências que se projetam das lutas sociais, das demandas dos projetos que ocupam o cenário da luta hegemônica, das possibilidades que cada momento histórico encerra. Para Gramsci, a formação de uma personalidade superior exige, inicialmente, superar as mitologias, as credências, assim como adquirir a consciência dos conflitos sociais, dos limites e das possibilidades da *societas hominum* e da *societas rerum*. Trata-se da formação de uma personalidade que não seja prisioneira das explicações mitológicas ou ideológicas da realidade. Para isso, segundo Gramsci, é necessário

compreender o tipo de relações sociais estabelecidas em cada momento determinado, a história dessas relações, a natureza e a extensão dos conflitos que permeiam essas relações. A compreensão desses aspectos permite ao indivíduo compreender-se a si mesmo de forma realista e objetiva e, sobretudo, possibilita a intervenção, a partir de diferentes meios e formas de organização política, sobre o conjunto dessas relações.

À GUIA DE CONCLUSÕES

As primeiras notas carcerárias já indicavam a grande questão para o historicismo: “como é possível ser crítico e homem de ação ao mesmo tempo, de modo que não somente um aspecto não enfraqueça o outro, mas, ao contrário, afirmem-se mutuamente” (Ibid, p. 23).

Criar as condições para a ação política é o objetivo principal da obra gramsciana e a ação política, a intervenção cultural, na sua expressão mais profunda, é resultado de um projeto que se faz hegemônico, que conforma a cultura aos seus fins, a partir de um amplo movimento de formação do indivíduo que possibilite uma dinâmica de adequação entre a forma de produzir e as formas de viver, sentir e pensar a realidade.

O pensamento de Gramsci nos auxilia a pensar o processo educativo como

questão estratégica da configuração do quadro histórico e cultural. Distante dos ímpetus iluministas e da compreensão salvífica do papel da educação, ele pensa a formação do indivíduo nos marcos da luta hegemônica entre os vários projetos em disputa no quadro societário. O novo princípio político-educativo, que Gramsci denominou de moderno humanismo, reconhecia toda a cultura como um bem universal, um bem de que todos os homens deveriam usufruir livremente, porém, em contraste com o antigo humanismo renascentista, incluía na sua acepção de cultura a questão das modernas técnicas produtivas e dos processos de produção próprios do mundo moderno inaugurado pela indústria, assim como a questão da formação política dos dirigentes e, sobretudo, dos que controlam os que dirigem.

Em meados da década dos vinte, do século passado, o horizonte dessa luta, segundo Gramsci, estava no industrialismo, que não se caracteriza na sua obra somente como uma forma particular de produzir, não se resume ao espaço fabril, pois significava toda uma nova forma de relacionamento do homem com a natureza e do homem com a sociedade. O industrialismo é o horizonte de um novo conformismo produzido de baixo, que exigia um projeto de formação baseado

no conhecimento técnico e científico e na formação política. A formação de um tipo humano novo, adaptado às demandas dos processos produtivos e apto ao exercício do poder político, demandava um incessante trabalho político de persuasão e de conquista do consentimento daqueles que seriam submetidos a esse profundo e doloroso processo de adaptação e formação.

Essa nova visão da cultura determinou uma substantiva modificação na sua concepção da tática e da estratégia do movimento socialista, pois a cultura não é mais o terceiro front, ao lado do político e do econômico, mas sim o front que inclui todas as dimensões de um modo de vida, de uma civilização, de um projeto de reforma integral da sociedade. Em síntese: se na economia a questão fundamental é a teoria do valor, ou seja, a relação entre o trabalhador e as relações de produção, na filosofia é a práxis, isto é, a relação entre a vontade humana e as relações materiais que constituem a estrutura produtiva da sociedade; na política o determinante é a relação entre o Estado e a sociedade civil, isto é, a intervenção do "Estado (vontade centralizada) para educar o educador, o ambiente social em geral" (Ibid, p. 868).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCCOLI, Ângelo. *Antonio Gramsci e l'educazione come egemonia*. Firenze: La Nuova Italia, 1972.

CROCE, Benedetto. *A história, pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

GARIN, Eugenio. *Storia della filosofia italiana*. Torino: Einaudi, 1966.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere*. Palermo: Sellerio, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *La formazione dell'uomo*: scritti de pedagogia. Roma: Riuniti, 1967.

GRAMSCI, Antonio. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. 5. ed. Turin: Einaudi. 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Scritti giovanili (1914-1918)*. Turin: Einaudi. 1972.

GRAMSCI, Antonio. *L'ordine nuovo (1919-1920)*. Turin: Einaudi. 1954.

GRAMSCI, Antonio. *A questão meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Novas cartas de Gramsci e algumas de Piero Sraffa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

GRAMSCI, Antonio. BORGIGA, Amadeo. *Conselhos de fábrica*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GRAMSCI, Antonio. *La città futura*. (fac-símile). Turin: Viglondo. 1950.

LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso: storia de un dibattito: 1922-1996*. Roma: Riuniti. 1996.

MANACORDA, Mario. *O princípio educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural. 1982.

RAGAZZINI, Dario. *Società industriale e formazione umana nel pensiero de Gramsci*. Roma: Riuniti. 1976.

RAGAZZINI, Dario. *Leonardo nella società di massa: teoria della personalità in Gramsci*. Bergamo: Moretti Honegger, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *O historicismo gramsciano e a pesquisa em educação*. São Paulo: 1994. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Historicismo, cultura e formação humana no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Cultura e formação humana no pensamento de Antonio Gramsci. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da USP*, São Paulo, 1999, v. 25, n.1, p. 511-66, jan/jun. 1999.

Data de recebimento: 22 de março de 2002

Data de aprovação: 04 de setembro de 2002